COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO NO ENSINO DE ARTES VISUAIS 2026

Vitoria Leite Alencar

BEBÊS E ARTES VISUAIS:
Relações de sentido na experiência estética no cotidiano da creche

Rio de Janeiro
2026

Vitoria Leite Alencar

BEBÊS E ARTES VISUAIS:
Relações de sentido na experiência estética no cotidiano na creche

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu – Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais – vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Artes Visuais.

Orientadora Professora/Dra. Luísa Mendes Tavares

Rio de Janeiro
2026

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

A368 Alencar, Vitoria Leite
Bebês e artes visuais : relações de sentido na experiência estética no cotidiano da creche / Andreia de Araujo Corrêa. Rio de Janeiro, 2026.

19 f.

Monografia (Especialização em Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Luísa Mendes Tavares.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Educação infantil. 3. Prática docente. 4. creches. I. Tavares, Luísa Mendes. II. Título.

CDD700

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Vitoria Leite Alencar

BEBÊS E ARTES VISUAIS:
Relações de sentido na experiência estética no cotidiano na creche

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu – Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais – vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Artes Visuais.

Orientadora Professora/Dra. Luísa Mendes Tavares

Aprovado em: 09/11/2026.

Banca Examinadora:

Dra. Luísa Mendes Tavares - Colégio Pedro II (Orientadora)

Me. Erika Machado Njaime - Colégio Pedro (Membro Interno)

Me.Karin Cristina Santos de Albuquerque - SME/RJ (Membro Externo)

Rio de Janeiro
2026

BEBÊS E ARTES VISUAIS:
Relações de sentido na experiência estética no cotidiano na creche

Vitoria Leite Alencar

Resumo: Este artigo é fruto do trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Artes Visuais do Colégio Pedro II e apresenta reflexões sobre as experiências com as Artes Visuais no cotidiano do berçário, tendo como ponto de partida a minha história narrativa como pesquisadora e professora da Educação Infantil e experiências formativas com a Arte. O estudo busca compreender como a experiência estética e a ampliação do repertório cultural das professoras podem potencializar o planejamento de propostas artísticas para bebês, reconhecendo-os como sujeitos potentes, autores e produtores de sentidos. Discute-se a importância de deslocar o olhar das práticas centradas no produto final para processos que valorizem a exploração, a materialidade, o corpo, os sentidos e as múltiplas linguagens das crianças pequenas e sugere que obras e artistas de Artes Visuais podem promover práticas mais sensíveis, criativas e comprometidas com as especificidades dos bebês na creche.

Palavras–chave: Bebês; Experiência Estética; Formação Docente; Educação Infantil; Artes Visuais.

INFANTS AND VISUAL ARTS:
Constructing Meaning Through Aesthetic Experience in Early Childhood Education

Abstract / Resumen: This article is the result of the final project for the postgraduate program in Visual Arts at Colégio Pedro II. It reflects on experiences with visual arts in the daily life of nursery classrooms, taking as its starting point my narrative journey as both a researcher and an early childhood education teacher, as well as my formative experiences with art. The study seeks to understand how aesthetic experience and the expansion of teachers' cultural repertoire can enrich the planning of artistic experiences for infants, recognizing them as capable subjects, authors, and creators of meaning. It discusses the importance of shifting the focus from practices centered on the final product to processes that value exploration, materiality, the body, the senses, and the multiple languages of young children. Finally, it suggests that contemporary artworks and artists can inspire more sensitive, creative, and context-responsive pedagogical practices that acknowledge the specificities of infants in early childhood education settings.

Keywords / Palabras clave: Infants; Aesthetic Experience; Teacher Education; Early Childhood Education; Visual Arts.

1 Os motivos para começar

Um caminho possível para dizer de onde se parte e para onde se deseja chegar é por meio de uma história. Assim, para iniciar a narrativa desta pesquisa, parto das experiências vividas no cotidiano da Educação Infantil. O encontro com o tema emerge da minha trajetória como professora dessa etapa de ensino. Sou pedagoga e, desde os estágios da graduação em Pedagogia, atuo com crianças pequenas, experiência que tem orientado meu olhar e minhas inquietações dessa pesquisa.

No entanto, minha relação com a arte antecede a escolha pela Pedagogia. Aos 17 anos, participei como aluna - Jovem Aprendiz do projeto Arte Ação Brasil, promovido pelo Arte-educador Hélio Rodrigues, na sede da empresa Farmoquímica, localizada na comunidade do Jacarezinho, na região metropolitana do Rio de Janeiro. Naquele momento, eu ainda não cogitava seguir a área da Educação. Contudo, a experiência de frequentar semanalmente um ateliê, vivenciando propostas artísticas tão diversas, despertou em mim algo até então desconhecido: um espaço de criação, sensibilidade e criatividade que passou a transformar meu modo de olhar para o mundo e que mais tarde, influenciaria também minha trajetória profissional.

Anos depois, quando entrei na faculdade de Pedagogia na UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro), recebi em um grupo de mensagens a divulgação do curso de formação de arte educadores do Hélio, e acabei por fazê-lo. Foi muito interessante experimentar os dois lugares do ateliê: primeiro como jovem aprendiz e depois já licenciando em pedagogia.

Durante os encontros formativos do curso, os professores solicitavam que contássemos sobre o nosso processo de experimentação das propostas, com imagens e vídeos dos processos e relatos sensíveis. Esses momentos me colocavam diante da ideia de que esses registros eram tão importantes quanto a socialização do feito. Essa metodologia me fez pensar sobre a relação de experiências com crianças, em como valorizar os processos que vivemos com elas na escola, como na documentação pedagógica.

Nessa formação, os professores-arte-educadores utilizavam a documentação não apenas para socializar os processos vivenciados pelos estudantes, mas também como recurso para alimentar a metodologia de planejamento desenvolvida por Hélio, denominada “práticas reflexivas”. Essa metodologia parte das “ocorrências” que emergem à medida que os estudantes experimentam as propostas. Essas ocorrências deveriam ser registradas pelos

arte-educadores por meio de palavras que funcionassem como pistas para aquilo que estava sendo observado:

> Ocorrência não é necessariamente uma dificuldade, um problema... ao contrário pode ser uma conquista, uma descoberta importante, positiva... feita por um aluno ou por todo o grupo. Portanto, a Dinâmica das Práticas Reflexivas não existe para "corrigir" questões, até porque, a arte não faz parceria com certos e errados, assim como também não faz com moralismos. O papel dessa dinâmica é transformar questões e descobertas em argumento para a arte, afinal, qualquer assunto, incômodo ou prazeroso, pode ser a motivação para se fazer arte. (Rodrigues, p. 1, 2021).

Ao longo da graduação, especialmente após os primeiros anos de formação, comecei a perceber que o currículo do curso de Pedagogia oferecia poucas oportunidades de aprofundamento nas discussões sobre arte e corpo. Em meu curso havia duas disciplinas (cada uma de 60 horas), apenas no 7° período, que tinha como repertório, Artes e Corpo e Movimento.

Essa constatação fez com que eu buscasse outros caminhos para explorar temas que passaram a ser fundamentais na construção da educadora que eu desejava me tornar. Um desses caminhos foi a participação no grupo de pesquisa FRESTAS (Formação e ressignificação do educador: Saberes, Troca, Afeto e Sentidos), que é um espaço de formação e troca que ampliou meu olhar sobre as relações entre corpo, artes e educação, contribuindo de maneira significativa para a constituição do meu percurso acadêmico e profissional.

E quando surgem os bebês nessa trajetória? Foi durante minha atuação como estagiária na Educação Infantil que tive meu primeiro contato com um grupo de bebês. Nesse momento, percebi que, assim como as artes, os bebês ocupavam um espaço muito reduzido na minha formação inicial. Mais uma vez, senti a necessidade de buscar outros espaços, autores e referenciais que me ajudassem a pensar minha prática.

Nesse percurso, foi fundamental compreender o papel político da creche em nosso país. Em sua história, a creche foi criada para acolher bebês e crianças enquanto suas mães precisavam sair para trabalhar, como uma rede de cuidado promovido sobretudo por mulheres e foi a última etapa da Educação Básica a ser assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9.394/1996) e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei nº 8.069/1990**)**. Ainda hoje, ao consultar documentos nacionais, como o Censo Escolar da Educação Infantil, evidencia-se que o número de vagas ainda é insuficiente diante da demanda e que as condições de trabalho e a qualidade do atendimento nas creches permanecem como desafios para famílias e educadores.

Pensar uma pesquisa voltada para a creche constitui, para mim, um posicionamento político. Reconheço que o início da vida precisa ser tratado com qualidade, garantindo o

reconhecimento das especificidades da infância, como direito a ser garantido para todos. E no cotidiano do berçário, cuidar e educar são dimensões indissociáveis. Portanto, é fundamental que o cuidado não se reduza a uma lógica de produção, em que alimentação, higiene e sono sejam compreendidos apenas como tarefas a serem cumpridas e ocupem todo o tempo e projeto da instituição.

Refletir sobre o cotidiano dos bebês é reconhecer a creche como o primeiro espaço de socialização vivido por eles, responsável por potencializar experiências e participar da constituição de suas subjetividades. Nesse contexto, o lúdico, o encantamento e as experiências estéticas também precisam estar presentes e atravessar as práticas de cuidado e educação.

Foi a partir dessas reflexões que passei a me interessar pelas artes no contexto da creche. Assim, decidi investigar de que maneira o ensino das Artes visuais pode potencializar e nutrir a formação de professoras pedagogas. Interessa-me compreender como as propostas de experiências em linguagens artísticas são pensadas e oferecidas aos bebês e como nós, professoras de bebês, podemos nos nutrir de referenciais estéticos que dialoguem com os desafios e as especificidades do desenvolvimento humano nessa etapa da vida.

É preciso salientar que quando falo das professoras pedagogas, é porque ainda é raro a garantia de professores de artes e espaços como salas de artes e ateliês em creches. Segundo a LDB, essa etapa é garantida pela formação de licenciatura em pedagogia e, como trouxe anteriormente no texto, a formação em artes escapa muitas vezes do currículo do curso.

Neste artigo, fruto do percurso realizado no curso de Pós-Graduação no Ensino de Artes Visuais do Colégio Pedro II, proponho apresentar algumas tensões observadas no cotidiano do berçário em relação às experiências dos bebês com as Artes Visuais. A partir dos referenciais teóricos estudados ao longo da pesquisa, busco tecer reflexões sobre essas questões e apresentar como a nutrição estética, construída por meio da minha experiência pessoal com aparelhos culturais, sobretudo obras e artistas de Arte Contemporânea, pode fomentar um olhar mais sensível e criativo para o planejamento do cotidiano com os bebês.

2 Tecendo questões e construindo pontes com as referências

Algo me chama a atenção quanto às experiências artísticas promovidas para as crianças pequenas. No cotidiano da Educação Infantil (EI), é comum que a professora pedagoga seja responsável por todo o planejamento previsto nos documentos curriculares, como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Como esse planejamento está organizado

em cinco campos de experiências, as diferentes linguagens aparecem como objetivos cotidianos e como caminhos para a construção das aprendizagens.

Entretanto, volto a uma questão que já atravessava minha formação: a fragilidade do currículo do curso de Pedagogia em relação à estética e às linguagens artísticas. Como consequência, muitas professoras têm pouco ou nenhum contato com essas experiências durante a graduação, o que limita seu repertório e, consequentemente, influencia a forma como as propostas artísticas são pensadas e realizadas no cotidiano da Educação Infantil.

Em meio a esse déficit na formação – também tenho sentido e compartilhado com amigas em grupos de pesquisa e em encontros informais da vida, que existe uma pressão estética para que sejam apresentados produtos das crianças pequenas. Há uma supervalorização do que está acabado, uma lógica de produção que parece refletir o próprio sistema neoliberal em que vivemos.

Essa pressão se manifesta, por exemplo, na comparação frequente entre as turmas de bebês e as de crianças da pré-escola, como se houvesse uma expectativa de produtividade visual que precisasse ser alcançada, produzindo algo que, de alguma forma, se pareça com um desenho ou um grafismo reconhecível. Ainda que existam estudos importantes, como os de Edith Derdyk (2020), que contextualizam os diferentes caminhos do desenho infantil, há uma pressão de preparação para um momento futuro de letramento, que baseia muito da experiência e competências a serem desenvolvidas.

Além disso, há uma concepção de cisão em que a estética nas produções artísticas é comentada de forma dicotômica: feio ou bonito, certo ou errado, se parecer com algo concreto. Foi nesse percurso de adensar o conhecimento sobre educação pela artes que encontrei, durante a pesquisa, o autor espanhol Jorge Larrosa, que no seu livro Pedagogia *Profana* (2017), discute a criação a partir da experiência em uma dimensão que ultrapassa metas e resultados:

> A experiência entendida como uma expedição em que se pode escutar o "inaudito" e em que se pode ler o não lido, isto é, um convite para romper com os sistemas de educação que dão o mundo já interpretado, já configurado de uma determinada maneira, já lido e, portanto, ilegível. (Larrosa, p. 16 ,2017).

A experiência ocupa um lugar de autoformação e percepção de si. No caso dos bebês, as vivências com tempo, espaço, materialidade e, sobretudo, com os afetos e a confiança estabelecida nas relações com as educadoras, permitem uma compreensão de si e do mundo que vai além da preocupação em comunicar às famílias e à comunidade aquilo que foi vivido, seja por meio dos murais da escola, seja pelos portfólios entregues ao final do ano letivo, "a

educação tem a ver com o nascimento, com o fato de que constantemente nascem seres humanos no mundo" (Larrosa, p.233, 2017).

Essas reflexões me levaram a questionar se essa angústia não estaria relacionada justamente ao que é vivido — ou deixado de viver — na formação das professoras e ao que encontramos na prática cotidiana. Se a relação entre Arte e bebês nunca ocupou um lugar prioritário no currículo da formação docente, como é possível construir experiências significativas com as artes no contexto do berçário?

Ao longo da história da educação brasileira, a Educação Infantil foi a última etapa da Educação Básica a tornar-se um direito garantido por lei. Ainda hoje, o acesso não é universalizado. Soma-se a isso o fato de que, durante muito tempo, os espaços de creche foram ocupados por pessoas sem formação específica, favorecendo práticas mais reprodutivas do que autorais, marcadas pelos conhecidos "trabalhinhos" xerocados.

No contexto dos bebês, essa lógica de reprodução torna-se ainda mais evidente. É comum ver mãos pintadas com tintas em murais produzidos pelos adultos em momentos corridos com pouca ou nenhuma exploração. Parece haver uma ideia de que os bebês precisam ser protegidos das materialidades — como tintas e outros materiais que "sujam" — ou, ao incentivados a utilizar riscantes inadequados para sua etapa de desenvolvimento, antecipando processos que ainda não fazem sentido para eles.

É justamente nesse entrelaçamento entre processo e experiência que a arte abre fendas e inaugura perguntas: para que serve a Arte? No contexto dos bebês, que estão chegando ao mundo, grande parte da experiência acontece a partir dos sentidos. Por isso, aquilo que, à primeira vista, pode parecer superficial ou inacabado talvez seja justamente o que revela a potência da experiência estética, antes de qualquer preocupação com um desenho estruturado ou com um produto.

A partir das reflexões de Jorge Larrosa (2017) sobre a experiência, encontrei outro educador que se tornou um importante referencial teórico para pensar a educação de bebês na atualidade. Paulo Fochi (2015), que atualmente é formador de professores na UNISINOS, dedicou-se em seu mestrado a pensar o que os bebês fazem no berçário a partir de uma pedagogia de autonomia e vida coletiva. Em sua trajetória acadêmica e de pesquisa, o autor relata seu encontro com a experiência educativa dos ateliês de Reggio Emília, na Itália.

Na experiência italiana, o ateliê integra o cotidiano das escolas e se relaciona com crianças de todas as faixas etárias, constituindo-se como um espaço de acolhimento, investigação e proposição (GANDINI, 2015). Os bebês também participam dessas

experiências, enquanto professoras e atelieristas documentam seus processos por diferentes meios, como as mini-histórias (FOCHI, 2015).

O encontro com a cultura de Reggio Emilia, com as provocações do livro *A estética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi* (HOYUELOS, 2020) contribui para refletirmos sobre as expectativas que, muitas vezes, depositamos sobre os bebês. Nessa experiência educativa, o foco não está em realizar uma atividade para que ela resulte em um produto final, mas em reconhecê-los como sujeitos potentes, autores de suas próprias experiências e capazes de construir sentidos sobre si e sobre o mundo a partir de vivências sensíveis, propostas por educadores igualmente sensíveis. Esse deslocamento também faz emergir uma pergunta que atravessa toda esta pesquisa: afinal, para que servem as artes? No cotidiano da Educação Infantil, essa questão ultrapassa a compreensão da Arte como mais uma linguagem a ser ensinada e passa a compreendê-la como uma forma de presença, de relação e de constituição da subjetividade. Assim, a experiência artística deixa de estar vinculada ao resultado e passa a sustentar modos de sentir, habitar e produzir sentidos sobre o mundo desde o início da vida.

E outro aspecto que o contato com essa cultura ressalta é que existem profissionais atelieristas, com formação adequada, que compõem o quadro efetivo das instituições escolares e trabalham coletivamente, com garantia de espaço, tempo e materialidade, mas também sustentando que a escola inteira é um ateliê vivo, "A arte, muitas vezes, é separada da vida e, como a criatividade, não é reconhecida como um direito cotidiano, como qualidade de vida." (RINALDI, p.46, 2019).

Os bebês podem ser imersos na relação com a materialidade — texturas, cores, temperaturas e sons — e comunicam, por meio de seus gestos, produzem sentido. Dessa maneira, pensar a proposta que sustenta o ateliê — ainda que esse espaço não exista fisicamente na instituição — torna-se uma possibilidade de ampliar a nutrição estética de professoras e bebês, favorecendo a construção de sentidos, afetos e experiências no cotidiano do berçário.

3 O que é possível imaginar?

Uma questão passou a me acompanhar ao longo da pesquisa: como trazer as reflexões da abordagem de Reggio Emília para a prática cotidiana, sobretudo quando não se dispõe de um ateliê físico na instituição? Como a experiência com materialidades e sentidos, para além da reprodução, pode enriquecer as propostas? Como as experimentações são possíveis em

creches que não possuem um espaço destinado ao ateliê? Esses objetivos podem provocar as educadoras a considerarem as artes como linguagens, para além de um horário na grade curricular e sobretudo, distanciar o "produto" esvaziado de sentido.

Foi durante o curso da Pós-Graduação que encontrei a pesquisadora Natalia dos Santos (2023) e seu trabalho sobre performance e jogos no cotidiano com as crianças, que me provocou um deslocamento importante quando esta escreve que "a proposição de instalações de jogos é inspirada nos materiais e/ou processos utilizados por artistas contemporâneos na composição de suas instalações" (SANTOS, p.4, 2023). Em seu artigo, ela traz imagens de propostas executadas a partir dessa metodologia, com materialidades que impulsionam nas crianças reflexões, estranhamentos e aproximações com o mundo.

> Percebemos o corpo poético das crianças em seus modos de explorar de corpo inteiro o que os cerca, através de ações, gestos, brincadeiras, experimentações repletas de potências criativas de ser e estar no mundo que desafiam a ótica com a qual os adultos estão habituados a observar e, principalmente, a se relacionar com as coisas do mundo. (SANTOS, p.10, 2023).

Lendo o texto da Nathalia, percebi que, mesmo antes de me debruçar na pesquisa sobre arte e bebês, eu já vinha experimentando a Arte Contemporânea em exposições visitadas na minha cidade, e que vinha sendo influenciada por essas experiências de forma subjetiva, mas ainda não compreendia essas vivências como parte da minha formação enquanto educadora e a potência em trazê-las como inspiração para propostas pedagógicas.

Foi então que comecei a entender que propor experiências sensíveis às crianças também exige que a professora se coloque nesse lugar de experimentação. Antes de criar experiências para os bebês, é preciso vivê-las. Quando nos disponibilizamos a experimentar a arte, ampliamos nosso repertório estético e passamos a observar o mundo com mais atenção. Esse movimento repercute diretamente na prática pedagógica, pois desloca o olhar do produto, do certo e do bonito, para a potência do processo, de forma que todos os envolvidos se coloquem em estado de afetação pela experiência.

Neste lugar, o que salta é a riqueza observação dos detalhes: como as crianças se envolvem com a experiência, de que maneira exploram os materiais com o corpo, quais gestos produzem, quais sons emitem, quais sentidos constroem. Observar esses acontecimentos também transforma a professora, que precisa encontrar maneiras de comunicar aquilo que vê. Essa tradução das experiências em palavras torna-se quase um exercício de invenção e retorna ao que o educador Hélio Rodrigues traz em sua metodologia de ocorrências.

Esse processo também é um espaço de criação para a educadora. Ao documentar as experiências por meio de fotografias e da escrita, a professora transforma cenas cotidianas em narrativas, produzindo registros que contam histórias sobre aquilo que foi vivido. Essa perspectiva aproxima-se do trabalho de Paulo Fochi (2015), quando propõe as mini-histórias como forma de documentar as experiências dos bebês e refletir sobre o lugar do ateliê e do encantamento com a arte desde o berçário.

A partir dessas leituras, passei a revisitar obras que me impactaram nos espaços culturais que frequentei nos últimos tempos, como nutrição e sensibilização estética. Essa compreensão dialoga com a ideia do desemparedamento das infâncias (TIRIBA, 2018), que nos convoca a pensar que propostas para os bebês implica reconhecer que o território da creche, seus espaços externos, os elementos naturais e as experiências ao ar livre também constituem potentes contextos de aprendizagem e criação.

Foi a partir desse olhar que decidi trazer duas experiências estéticas recentes que marcaram meu percurso: a exposição de Beatriz Milhazes, realizada no Centro Cultural Casa Roberto Marinho, no Cosme Velho, Rio de Janeiro, em 2026, e a exposição Manguezal, no mesmo ano, apresentada no Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro (CCBB).

Na exposição de Beatriz Milhazes, embora houvesse diversas obras, foram os vitrais da casa que mais me atravessaram. As cores intensas, as formas geométricas e, sobretudo, o jogo entre luz e sombra despertaram minha atenção. Visitei a exposição durante a tarde e pude experimentar as sombras coloridas projetadas pelos vitrais sobre meu próprio corpo. Permaneci ali por um tempo, percebendo como aquela experiência me convidava à contemplação, ao movimento e à relação com a luz.

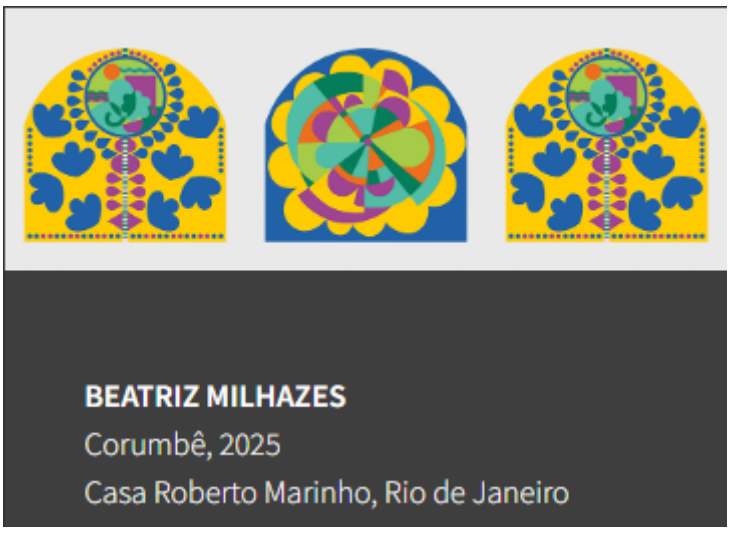


Figura 1 Acervo Digital Casa Roberto Marinho

Ao vivenciar essa instalação, comecei a imaginar quantas possibilidades semelhantes poderiam existir no cotidiano do berçário. Pequenas intervenções com papéis coloridos translúcidos, como papel celofane ou gelatina, poderiam transformar temporariamente espaços comuns da escola, produzindo jogos de luz, cor e sombra tanto nas salas quanto nos ambientes externos, onde há incidência de sol. A simplicidade desse gesto revela como uma pequena transformação na materialidade do espaço pode produzir experiências estéticas significativas para os bebês, convidando-os a explorar as cores, o movimento e a própria presença do corpo.

A segunda experiência aconteceu na exposição Manguezal, no CCBB. Logo ao entrar na mostra, fui impactada pela presença da cor vermelha e pela atmosfera poética construída em torno do manguezal, com suas raízes retorcidas, suas texturas e suas diferentes materialidades. Entre fotografias, instalações e outros elementos, o que mais me mobilizou foi pensar o mangue como um berçário da natureza.



Figura 2 Acervo Jornal O Globo 2026

Essa imagem produziu imediatamente relações com o cotidiano dos bebês. O barro, a lama, os tecidos, as texturas e os percursos presentes na exposição passaram a inspirar possibilidades para o planejamento de experiências no berçário. Imaginei circuitos construídos com tecidos e diferentes materiais que permitissem aos bebês rolar, engatinhar, deslocar-se, experimentar o próprio corpo e descobrir as possibilidades do movimento. Nesse momento da vida, eles estão aprendendo, literalmente, a virar o corpo, sustentar-se, deslocar-se pelo chão e construir sua relação com o espaço.



Figura 3 Fotografia de Acervo Pessoal 2026

Pensar essas experiências também é reconhecer o chão como um lugar de aprendizagem. Os bebês habitam o chão de maneira muito diferente dos adultos. Enquanto nós, ao crescer, nos afastamos dele, para os bebês o chão é espaço de encontro, descoberta e exploração. Habitar esse chão de forma poética significa ampliar suas possibilidades de movimento, despertar a curiosidade, favorecer a resistência física e enriquecer a experiência sensível do corpo em formação.

Além disso, a presença do barro e da terra aproxima essas propostas de saberes ancestrais e de práticas afro-indígenas que reconhecem a potência do contato com a natureza, com os pés descalços, com a possibilidade de sujar-se e de aprender por meio da experiência. Essa relação com a terra, com o corpo e com a materialidade amplia a compreensão da arte para além dos objetos expostos em museus, aproximando-a da vida cotidiana e das experiências que podem nutrir o trabalho pedagógico com os bebês.

Pensando em formações continuadas, tenho o objetivo de nesse trabalho dialogar com a Arte Conntemporânea, por se tratar de romper com essa lógica de contorno e estrutura. Os artistas desse movimento podem inspirar novas possibilidades pedagógicas: jogos, performances, ateliês vivos no cotidiano e que deslocam nosso modo de ver a interação artística entre bebês.

Quando as docentes se aproximam das Artes Visuais, descobrem não apenas novas maneiras de criar, mas também novas formas de observar e registrar os processos das crianças da primeiríssima infância — processos feitos de gestos miúdos, corpos curiosos, silêncios que pensam e descobertas que não se encaixam em vitrines. As artes nos chamam, então, a

enxergar o que está no meio do caminho, aquilo que se revela no entre, no durante, no acontecer.

Este artigo objetiva trazer essas experiências pessoais de contato com a arte contemporânea como inspiração para pensar que o nosso planejamento e a nossa formação, quando estamos na educação com crianças pequenas, precisam estar constantemente atravessados pela experiência. O contato com o lúdico, com o encantamento e com diferentes formas de expressão artística não pode ocupar um lugar secundário, mas precisa estar presente também nos processos de formação continuada das educadoras.

Essa reflexão não pode desconsiderar os questionamentos sobre a pouca carga horária destinada às discussões sobre arte na formação de educadores normalistas e pedagogas. Ao mesmo tempo em que os documentos que orientam e referenciam a qualidade da Educação Infantil reforçam a importância das aprendizagens pelo corpo, pelo brincar e pelas experiências sensíveis, ainda encontramos uma lacuna na formação das profissionais que irão atuar diretamente com as crianças pequenas.

Nesse sentido, a experiência estética acontece no contato com museus ou espaços institucionalizados de arte, mas que também está presente no teatro, na música, na roda de samba, nas manifestações culturais do território em que se vive, nas relações familiares, na maneira como nos relacionamos com a comida, com as feiras locais, com as cores, os cheiros e as materialidades que fazem parte do cotidiano.

Todas essas experiências podem fomentar repertórios e ampliar as possibilidades de criação de propostas para os bebês, ultrapassando uma rotina limitada aos mesmos brinquedos ou a experiências pouco diversificadas. Este artigo se apresenta como uma provocação, uma flecha de reflexão sobre como podemos trazer nossos próprios repertórios estéticos para a prática pedagógica no berçário.

Ao reconhecer nossas experiências e nos permitirmos nutrir por elas, ampliamos as possibilidades de oferecer aos bebês propostas que tragam desafios, encantamento, curiosidade e diferentes formas de perceber a beleza. Não se trata de uma ideia de beleza associada apenas ao que é considerado bonito ou acabado, mas de uma beleza que nos atravessa, que nos toca e que nos coloca em relação com o mundo.

Além disso, pensar como os artistas contemporâneos buscam as materialidades para dar vida aos seus trabalhos nos ajuda a ter percepções mais sensíveis ao nosso entorno e ampliar o tipo de material e recurso que levamos para dentro da creche.

Esse movimento de planejar a partir das experiências vividas exige também uma busca por conexão consigo mesma. A arte ocupa um lugar importante de tensionamento, pois ela

nem sempre está relacionada ao que é confortável ou agradável. Muitas vezes, ela nos coloca diante do estranho, do difícil, do que provoca deslocamentos e exige uma postura de observação e reflexão sobre nós mesmos.

Esse exercício é fundamental para a educação, pois educar também significa apresentar o mundo às crianças. A forma como apresentamos esse mundo, atravessada por um olhar curioso, sensível e desejante, influencia os modos como elas irão percebê-lo, habitá-lo e construir novas possibilidades de existência.

No fim, essa escolha também se constitui como um posicionamento político. Colocar-se como educadora a partir dessa perspectiva significa trazer outros repertórios, aproximar as crianças de artistas, manifestações culturais e movimentos que questionam uma lógica pautada apenas pela produtividade e pela repetição de práticas feitas sempre da mesma maneira. Significa afirmar outras formas de estar no mundo, de criar e de produzir sentidos desde o berçário.

4 FLECHAS E DESEJOS

Ao finalizar este percurso de pesquisa e pós-graduação, retomo a pergunta que atravessou este trabalho: como construir experiências com as artes visuais no cotidiano do berçário, especialmente quando não há um espaço físico destinado ao ateliê e quando a formação das professoras ainda apresenta lacunas em relação às linguagens artísticas? Mais do que buscar respostas prontas, este artigo procurou abrir caminhos para pensar que a experiência estética é uma dimensão constitutiva da prática pedagógica com os bebês.

A partir de Larrosa (2017), compreendo a experiência como aquilo que nos atravessa, nos transforma e nos coloca em relação com o mundo de uma maneira singular. Essa perspectiva desloca o olhar da produção final para o processo vivido, permitindo reconhecer que, desde o cotidiano do berçário, os gestos, as explorações, os sons, os movimentos e as relações estabelecidas pelos bebês são formas potentes de criação e produção de sentidos. A experiência estética, nesse contexto, não se reduz a um resultado a ser apresentado aos adultos, mas se constitui no encontro entre corpos, materiais, espaços, tempos e afetos.

As contribuições de Paulo Fochi (2015) e das experiências de Reggio Emília (2020) e a da pesquisadora Nathalia dos Santos (2023), reforçam que pensar o ateliê, nesse sentido, deixa de ser compreendido apenas como um espaço físico e passa a ser uma postura diante da infância: uma forma de olhar, escutar, documentar e criar contextos que valorizem as múltiplas linguagens das crianças.

Nesse percurso, a nutrição estética das professoras aparece como elemento

fundamental. As experiências vividas pelas educadoras com a arte, com a cultura, com o território e com diferentes materialidades ampliam seus repertórios e transformam seus modos de planejar. Como discutido a partir das experiências com a Arte Contemporânea, não se trata de levar obras ou propostas prontas para a creche, mas de permitir que os encontros com a arte produzam deslocamentos no olhar das professoras, possibilitando novas formas de perceber e criar experiências para os bebês.

A Arte Contemporânea, com seus questionamentos sobre forma, processo e participação, contribui para romper com uma concepção de arte baseada apenas na reprodução e no resultado. Ao aproximar-se dessas linguagens, a professora é convidada a observar aquilo que acontece no entre: nos pequenos gestos, nas investigações sensoriais, nas relações construídas pelos bebês com as materialidades e com o espaço. É nesse movimento que a experiência estética se aproxima da vida cotidiana e passa a fazer parte do planejamento do berçário.

Por fim, este trabalho reafirma que pensar arte e bebês é também assumir um posicionamento político. Defender experiências sensíveis desde o início da vida, significa reconhecer a creche como espaço de produção de cultura, de subjetividades e de encontros. Significa questionar uma lógica educativa pautada apenas pela produtividade e afirmar a importância do encantamento, da criação e da abertura para diferentes modos de existir no mundo.

Assim, a pesquisa não pretende apresentar um modelo de prática artística para os bebês, mas provocar um convite: que as professoras possam se colocar também como sujeitos da experiência, alimentando seus próprios repertórios para criar contextos em que os bebês possam explorar, imaginar, sentir e produzir sentidos. Afinal, apresentar o mundo às crianças também é uma forma de escolher que mundo desejamos construir com elas.

Há uma flecha lançada para que outros trabalhos possam reafirmar o papel da arte na constituição de subjetividades desde o berçário.

O cotidiano é repleto de encontros
estamos começando do começo
tentando os começos com palavras
Mas como são os começos da vida?
No meio
Já nascemos com um nome em nossa história
embalados no colo
e sentindo com intensidade

e com o corpo.
Quando passo a compartir o cotidiano com os bebês me sinto ainda mais provocada
pelos começos
nas estreias
e também me sinto despreparada para encontrá-los
O que, pedagoga, faço no encontro com bebês?
Talvez eu precise começar olhando
os bebê p-e-r-a-m-b-u-l-a-m
pelo espaço
com o corpo
com o olhar
com as mãos
vão em busca do conhecer.
De experimentar
De encontrar
E para estarmos juntos, preciso perambular
Perambular com as Artes Visuais
Pela cidade
Pelos museus
Por imagens
Pelos artistas e seus processos
pela cultura popular
e compor minha formação.
Para acompanhar quem está
o tempo investido em conhecer o mundo
eu também preciso desejar o mundo
ampliar os sentidos
o estar.
Encontrei as artes? Teve início? Ponta pé?
Perambular é uma coreografia do meio.
Artes não para uma "atividade" e um produto
Artes como possibilidade de experiência
de encontro
de deslocamento

luz

sombra

cores

texturas

corpos

silêncio

movimento

cem linguagens.

E com a formação no Ensino de Artes Visuais surgem novas perguntas

muitas sem respostas

provocações para o cotidiano

O que pode um encontro estético com bebês?

A creche precisa de um espaço - ateliê?

Além do espaço: Tempo

A creche como um mundo

a creche como criação de mundo

bebês são artesãos de tempo e espaço.

O modo de cuidar também é artesanal

A creche como lugar das relações

de espera

de observação

de composição

de acompanhar

experimentar o mundo

Ocupar a creche é conquista e ato político

Ocupar com presença - alegria - investigação - arte

arte como cuidado

ordinário

que cria subjetividade e cidadania.

como modo de ser

COM.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Panda Educação, 2020.

FOCHI, Paulo. **Afinal, o que fazem os bebês no berçário?** Porto Alegre: Penso, 2015.

GANDINI, Lella. **O papel do ateliê na educação infantil**. Porto Alegre: Penso, 2015.

HOYUELOS, Alfredo. **A estética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi.** Tradução de Bruna Heringer de Souza Villar. 1. ed. São Paulo: Phorte, 2020.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

RODRIGUES, Hélio. **Material didático do curso de formação de professores Arte Ação Brasil**. Rio de Janeiro, [s.d.]. Material didático em PDF de circulação interna.

SANTOS, Nathalia Scheuermann dos; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Entre o fazer de conta e o fazer acreditar: as crianças e suas performances em instalações de jogo. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, e124009, 2023.

TIRIBA, Léa. Prefácio. In: BARROS, Maria Isabel Amando de (org.). **Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza.** 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Alana, 2018.